

“Dois ‘Relatórios’ do Segundo-Tenente Américo Deus Rodrigues Thomaz durante a Grande Guerra, 1917-1918”

João Abel da Fonseca (Membro Emérito da Classe de História Marítima)

Américo Deus Rodrigues Thomaz nasceu em Lisboa, a 19 de Novembro de 1894, filho de António Rodrigues Thomaz, abastado negociante estabelecido na capital, que chegou, durante alguns anos, a liderar o Partido Progressista em Alcântara, e de Maria da Assunção Marques Thomaz.

Concluídos os estudos primários, ingressou no Lyceu Nacional de Lisboa, conhecido como Liceu do Carmo, em 1905. Em 20 de Janeiro de 1906, fruto duma reorganização governamental, passou a funcionar naquelas instalações, sediadas no Palácio Valadares, ao Carmo, o Lyceu Central da 3ª Zona Escolar de Lisboa, sendo que a 1 de Março desse mesmo ano, as aulas foram transferidas para um edifício alugado na Rua do Sacramento, à Lapa, razão pela qual passou a ser conhecido como Liceu da Lapa. Dado que o espaço se veio a mostrar pouco adequado, foi decidida a compra de um terreno e promovida a construção de um edifício de raiz, da autoria do arquitecto Ventura Terra, que abriu as portas a 17 de Novembro de 1911, passando-se então a chamar Lyceu Central de Pedro Nunes. Américo Thomaz aí viria a concluir, em 1912, o ensino secundário. Fica, deste modo, justificado o facto de serem muitos os artigos em que se aponta ter frequentado, sucessivamente, os liceus do Carmo, da Lapa e de Pedro Nunes.

Entre 1912 e 1914, frequentou a Faculdade de Ciências de Lisboa, criada a 19 de Abril de 1911, sucessora que foi da antiga Escola Politécnica de Lisboa, tendo-se matriculado nas cadeiras preparatórias de admissão à Escola Naval. Depois de uma primeira tentativa, em 1913, em que fora rejeitado na inspecção médica por falta de robustez física¹, e de ter feito no ano lectivo de 1913/1914 os preparatórios para a Escola de Guerra, ingressou, neste último ano, na Escola Naval com o melhor resultado a nível nacional nas cadeiras preparatórias, concluindo o curso em 1916, com a melhor classificação do ano, pelo que lhe seria atribuído o Prémio Visconde de Lançada, só entregue em Julho de 1917².

Pela consulta da *Lista da Armada* de 1916³, vamos encontrar Américo Thomaz na rubrica ‘Escola Naval – Corpo de Alunos da Armada’, no item ‘Aspirantes de Marinha – 3º ano’, com o n.º 349 na Classe, sendo referido como data do primeiro alistamento a de 31 de Agosto de 1914, a mesma da promoção a Aspirante (a guerra já havia começado, em 28 de Julho). Na *Lista da Armada* de 1917⁴, ainda na mesma rubrica, mas agora no item ‘Guardas-Marinhas’, com o n.º 332 na Classe, ocorre registada a

¹ Cf. Sítio do Museu da Presidência da República, entrada Presidentes – Estado Novo. http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_bio.php?id=121 Consultado em 14-Maio-2017.

² Cf. Idem, *ibidem*.

³ Cf. *Lista da Armada* de 1916, Lisboa, Imprensa Nacional, 1917, p. 10.

⁴ Cf. *Lista da Armada* de 1917, Lisboa, Imprensa Nacional, 1918, p. 17.

promoção àquele posto em 2 de Maio de 1917. Pela *Lista da Armada* de 1918⁵, mantendo o mesmo n.º 332 na Classe, ficamos a saber a data da promoção a Segundo-Tenente, ocorrida a 2 de Novembro de 1918, escassos dias antes do final da Grande Guerra (11-11-1918). Nesta mesma *Lista da Armada* de 1918, ocorre o nome do Guarda-Marinha António Rodrigues Janeiro, com o n.º 328 na Classe, referindo-se a data de 19 de Agosto de 1912 como a do primeiro alistamento e da promoção a Aspirante, e ao posto seguinte, em 19 de Junho de 1916. Uma nota de rodapé esclarece, porém: “Desaparecido em combate contra os alemães, no dia 27 de Maio de 1916, no rio Rovuma (África Oriental Portuguesa)”. A não existir erro na data da promoção indicada, esta só teve publicação já após a morte do malgrado oficial. O que podemos concluir pela comparação das datas de frequência na Escola Naval é que este último foi contemporâneo de Américo Thomaz, distanciando-os meros quatro números na Classe. Em homenagem à memória daquele combatente, precocemente falecido, viria a ser atribuído o seu nome ao navio auxiliar ‘Guarda-Marinha Janeiro’, posteriormente, comandado pelo Guarda-Marinha Américo Thomaz, entre 21 de Setembro e 20 de Outubro de 1917.

Consultada a *Lista da Armada* de 1919⁶, encontramos o Segundo-Tenente Américo Thomaz, com o n.º 300 na Classe e o n.º 9 no Quadro, colocado na 4.ª Repartição da 3.ª Direcção-Geral, encontrando-se referidas três condecorações só agora averbadas, a saber: a Medalha de prata ‘Comemorativa das Campanhas do Exército Português’ (MCCp); a Medalha de prata de ‘Coragem, Abnegação e Humanidade’ (MpCAH) e a Medalha militar de prata da ‘Classe de Bons Serviços’ (MPII).

Perguntarão os auditores o que nos levou a iniciar uma investigação no Arquivo Histórico da Marinha sobre a figura do que viria a ser o Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, durante este período da Grande Guerra, entre 1916 e 1918? Durante uma conversa mantida com o então Vice-Almirante reformado Eugénio Sequeira Araújo, corria o ano de 1984, referiu-se este a que lhe haviam sido mostrados, pelo Vice-Almirante Tengarrinha Pires, dois ‘Relatórios’ da autoria do então Segundo-Tenente Américo Thomaz, a propósito de missões em que participara durante a Grande Guerra. O comentário suscitado foi, a par do rigor técnico e dos conhecimentos profundos, sujeitos a análise, que os textos evidenciavam, a esmerada qualidade e clareza dos documentos, escritos num Português exemplar. Na altura, pensámos que ainda um dia nos dedicaríamos ao estudo de tais ‘Relatórios’. Encontrámos, agora, ocasião apropriada para iniciar tal trabalho. Acontece que, embora a vontade fosse muita, esbarrámos com um acidente de percurso: a recente legislação não permite o acesso à consulta, nos arquivos do Estado, dos processos individuais de cidadãos falecidos há menos de 50 anos. Tal realidade com que nos confrontámos impunha que tentássemos recorrer à documentação oficial publicada, para que, percorrendo-a, exaustivamente, ao longo dos anos, nas mais variadas fontes impressas, ou na documentação manuscrita dos navios ou das repartições, aí viéssemos a encontrar o que procurávamos. Bem se pode compreender que uma tal tarefa dilatou, substantivamente, o tempo de pesquisa que julgáramos suficiente.

⁵ Cf. *Lista da Armada* de 1918, Lisboa, Imprensa Nacional, 1919, p. 16.

⁶ Cf. *Lista da Armada* de 1919, Lisboa, Imprensa Nacional, 1920, p. 66.

Para tentarmos obviar aos escolhos da navegação, procurámos possíveis informações disponíveis – dados com registo de locais e datas que abrissem pistas de investigação. Assim aconteceu no sítio do Museu da Presidência da República, onde pudemos ler:

“Já após a entrada de Portugal na I Guerra Mundial, Américo Tomás é colocado na Escola de Torpedos (Janeiro 1917), embarcando poucos dias depois, como aspirante, no cruzador Vasco da Gama. Termina os tirocínios na Escola de Torpedos e em hidrografia no mês de Abril, sendo no mês seguinte promovido a guarda-marinha.

É então mobilizado para a I Guerra Mundial. Realiza serviço de escolta aos comboios marítimos que se dirigem ao Norte de França e a Inglaterra, a bordo do cruzador-auxiliar Pedro Nunes, do cruzador Vasco da Gama e do contratorpedeiro Douro. Entre Setembro e Outubro do mesmo ano [1917] comanda a traineira Guarda-Marinha Janeiro, fazendo a protecção dos navios de pesca ao largo do rio Tejo e do Cabo da Roca. Em 1919, após ser promovido a segundo-tenente (1918), embarca no contratorpedeiro Tejo como oficial imediato do navio. Recebe, pelo seu bom desempenho nas missões que lhe são cometidas, diversos louvores, bem como [três condecorações] (todas em 1919). Seguem-se as promoções a primeiro-tenente (1922), capitão-tenente (1931), capitão-de-fragata (1939), [...].

Em Outubro de 1919, ingressa nos Serviços Hidrográficos do Ministério da Marinha, onde permanecerá até 1936. Em 1920, embarca no navio hidrográfico Cinco de Outubro, que tem por missão efectuar o levantamento hidrográfico da costa portuguesa. Em 1924, é nomeado comandante interino do mesmo navio e, em 1931, comandante efectivo. No mesmo ano assume também, a título efectivo, o comando da Missão Hidrográfica da Costa de Portugal. No desempenho deste cargo publica os planos hidrográficos da barra do Porto de Lisboa, da Berlenga, e dos ilhéus das Estelas e dos Farilhões. Mais uma vez o seu desempenho é reconhecido, com a concessão de diversos louvores e condecorações como o grau de oficial da Ordem [Militar] de Sant’Iago da Espada, a 5 de Outubro de 1928 e o de comendador da Ordem Militar de Avis, a 5 de Outubro de 1932.

Desempenha vários cargos em organismos ligados à oceanografia e às pescas, integrando a Comissão Técnica de Hidrografia, Navegação e Meteorologia Náutica (1924), o Conselho de Estudos de Oceanografia e Pesca (1931), a comissão responsável pelo estudo da mudança do Centro da Aviação Naval da costa de S. Jacinto, em Aveiro, para a Murtosa (1932) e funções como perito junto do Conselho Permanente Internacional para a Exploração do Mar (1932).

Em 1933 o navio Cinco de Outubro, que comandava, é encarregado do transporte do Presidente da República, Óscar Carmona, numa viagem ao Algarve. A viagem de regresso não se faz sem alguns percalços, devidos a uma tempestade no mar. No entanto, os problemas não são de monta. Aliás, a tripulação do navio será recompensada com um louvor pela "inexcedível correcção e disciplina da guarnição e a eficiência do navio", e Américo Tomás é condecorado, a 9 de Maio de 1934, com o grau de comendador da Ordem Militar de Cristo. Neste mesmo ano toma posse como vogal-adjunto da Comissão Central de Pescarias. É convidado a chefiar a Missão de

Delimitação das Fronteiras de Angola, a Missão Hidrográfica do Zaire e a Missão Geográfica de Cabo Verde”⁷.

Munidos desta ajuda preciosa, entendida como informação fidedigna, iniciámos a busca no Arquivo Histórico da Marinha, iniciando-a pela consulta da documentação afecta aos navios, a saber: Cruzador ‘Vasco da Gama’, *Núcleo* N.º 180 e *Diário Náutico* referente ao período 16/17-3-1915 a 14-8-1922; Vapor [Patrulha] ‘Guarda-Marinha Janeiro’, *Núcleo* N.º 257 e *Livro de Serviço* referente ao período 17-5-1917 a 26-11-1917; Cruzador-auxiliar ‘Pedro Nunes’, *Núcleo* N.º 112; Contratorpedeiro ‘Douro’, *Núcleo* N.º 133 e Contratorpedeiro ‘Tejo’, *Núcleo* N.º 131, num total de cerca de 900 páginas manuscritas, distribuídas por 21 documentos. Encontrámos referências à presença a bordo do Guarda-Marinha e, mais tarde, Segundo-Tenente Américo Thomaz, mas não lográmos topar qualquer texto relativo aos ‘Relatórios’ ou aos louvores supracitados.

Pela consulta da *Ordem da Armada* N.º 9 (Série A), referida a 30 de Setembro de 1919, na página 1 041, pudemos ler o texto da Portaria 1:933, de 2 de Agosto:

“Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Marinha, aprovar a lotação das traineiras *Tenente Roby* e *Guarda-marinha Janeiro*, que faz parte desta portaria e baixa assinada pelo Contra-almirante Major General da Armada. Paços do Govêrno da República, 2 de Agosto de 1919. O Ministro da Marinha, Silvério Ribeiro da Rocha e Cunha.

Lotação das traineiras «Tenente Roby» e «Guarda-marinha Janeiro», a que se refere a portaria desta data.

Mestre, sargento-ajudante de manobra	1
Encarregado de máquina, cabo fogueiro	1
Cabo de marinheiros	1
Primeiros ou segundos artilheiros	2
Primeiros ou segundos fogueiros	3
Primeiros marinheiros	2
Primeiro ou segundo marinheiro, timoneiro sinaleiro	1
Primeiro Grumete	1
Total	12

⁷ Cf. Sítio do Museu da Presidência da República, entrada Presidentes – Estado Novo.
http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_bio.php?id=121 Consultado em 14-Maio-2017.

Majoria General da Armada, 2 de Agosto de 1919. O Major General da Armada, *Júlio Galis*, Contra-almirante.

Lamentamos não ter podido corresponder àquilo a que nos havíamos proposto mas prosseguiremos a investigação por forma a ter o estudo concluído a tempo da sua publicação nas *Memórias* de 2017. A carreira militar naval de Américo Deus Rodrigues Thomaz, sucintamente, sumariada no sítio do Museu da Presidência da República acima referido, e a sua acção com Ministro da Marinha, não deixam dúvidas sobre os relevantíssimos serviços que prestou à Armada, à Marinha Mercante Portuguesa e às Pescas, desempenhando missões nacionais e internacionais da maior importância, a elas emprestando qualidades excepcionais de competência técnica e científica, reconhecidas, mesmo, além-fronteiras. Razões tiveram os Membros do Centro de Estudos de Marinha, organismo que precedeu a Academia de Marinha, quando o elegeram, por unanimidade, seu Presidente Honorário, na sessão plenária do ano de 1970. A História não se faz a apagar nomes, nem a ignorar acontecimentos, como não serve para julgar ou proclamar *exempla*, em anacronismos delirantes.

Honra lhe seja!